

QUAL É A GRANDE CAUSA POR QUE VIVER E LUTAR?

LEONARDO BOFF

Petrópolis, RJ

A humanidade está enfrentando um problema que nunca, em sua História, se apresentou antes: tem que lutar, e comprometer-se seriamente, por sua sobrevivência.

1. As ameaças que pesam sobre a Terra

Até pouco tempo atrás, podíamos explorar os recursos e benefícios da Natureza, a nosso bel-prazer. Podíamos ter quantos filhos quiséssemos. Podíamos interferir nos ecossistemas, segundo a vontade e o poder dos empresários. Podíamos fazer quantas guerras achássemos necessárias, para nos defender ou para atacar um eventual agressor.

Agora, já não podemos continuar nessa mesma rota. Criamos uma máquina bélica de morte, com armas nucleares, químicas e biológicas, capazes de aniquilar totalmente a espécie humana, sem deixar nenhum sobrevivente.

Já não podemos tratar o Planeta Terra como sempre fizemos, como se este fosse uma espécie de baú com recursos ilimitados. Percebemos que os recursos são escassos, e muitos deles não são renováveis.

Este pequeno planeta, velho e limitado, já não suporta nosso projeto de desenvolvimento ilimitado.

Se continuarmos com nossa voracidade de consumo e de produção de mais e mais bens, às custas da devastação da Natureza, iremos ao encontro de uma tragédia ecológica e social.

Segundo alguns grandes cientistas, o aumento do gás metano – que é 32 vezes mais agressivo do que o dióxido de carbono – pode provocar um súbito aquecimento global e, assim, o clima pode dar um salto de 3 a 4 graus Celsius. Se isto ocorresse, nenhuma forma de vida, tal como conhecemos hoje, teria condições de sobreviver, inclusive a espécie humana. Talvez alguns seres humanos pudessem se salvar, em pequenos oásis, em algum ponto isolado, ao norte da Terra.

2. Um novo começo: mudança de mentes e corações

Diante dessa situação dramática, diz a Carta da Terra, documento dos mais sérios, nascido a partir dos princípios fundamentais da Humanidade e assumido pela UNESCO, em 2003: «Como nunca, antes, na História, o destino comum nos conclama a um novo começo. Isto requer uma mudança nas mentes e nos corações; requer um novo sentido de interdependência e responsabilidade». E isto nos faz recordar as palavras de Jesus: «Ou todos se convertem, ou todos perecerão».

Converter-se é inaugurar um novo começo, com outra mentalidade e outro coração. É o que exige a situação da Terra e da Humanidade. Agora, é impreterível: ou mudamos, ou nossa civilização poderá desaparecer.

Esta é a questão essencial. A nova centralidade não é o futuro do Ocidente, ou da Igreja Católica, e sim o futuro da Terra e da Humanidade, e até que ponto o Ocidente e a Igreja colaboram para garantir um futuro comum.

Isto não parece constituir um tema de consciência coletiva, nem para as nações, nem para as Igrejas. Cada uma dessas instâncias pensa em seus próprios interesses e não no destino comum. E assim vamos postergando decisões que, num dado momento, talvez cheguem tarde demais.

Pode ocorrer o mesmo que nos tempos de Noé, que pregava a urgência de mudanças, mas as pessoas não lhe davam ouvidos; continuavam se divertindo, se casando... E então veio o dilúvio, que devastou a Terra. Mas agora é diferente, pois já não é possível uma Arca igual à de Noé, que possa salvar alguns e deixar que os outros pereçam: agora, ou todos nos salvamos, ou iremos todos ao encontro do pior.

3. Há esperança: é uma crise, não uma tragédia

Apesar das graves ameaças, nós, cristãos, temos a firme convicção de que a vida é mais forte do que a morte e que a luz tem mais poder do que as trevas. Deus assumiu a Terra como Seu templo.

O Espírito a habita, com suas energias criadoras; e o Pai, que tudo concentra, não vai permitir que esta obra de Seu amor tenha um fim trágico. Diante da gravidade da presente situação, podemos fazer duas interpretações: vê-la como um cenário de tragédia, ou como um cenário de crise.

Na tragédia, tudo termina mal. Na crise, tudo passa por um processo de purificação e amadurecimento. Aquilo que é accidental, e meramente agregado, não se sustenta e cai. Permanece o essencial, em torno do qual se pode construir um novo ensaio civilizatório.

Parece ser esta a atual situação. Lentamente, estamos construindo uma nova forma de habitar a Terra, de produzir, consumir e tratar os resíduos. Isso envolverá muitas renúncias e muito sofrimento.

Não existe parto sem dor. Mas essa dor não é a de um moribundo e sim de um novo nascimento. Para que

esta transição seja possível e garanta um futuro sustentável, é urgente que façamos, desde já, algumas opções, que vamos considerar rapidamente:

4. Resgate da razão cordial e sensível

Até o presente momento, a razão funcional-analítica coordenava todas as relações sociais e presidia os processos produtivos. Para esta razão, que se implantou na modernidade a partir do Século XVII, a Terra é um simples objeto, sem inteligência, com o qual temos apenas uma relação de conveniência... E não algo vivo, Mãe de toda a comunidade da vida.

O domínio da razão instrumental analítica turvou a razão cordial e sensível, através da qual nos sentimos vinculados a um todo mais amplo, o grito da Terra e dos pobres, e nos mobilizamos para superar essa situação.

É nesta razão que estão arraigados os valores e o cuidado com relação a todos os seres vivos. Se não resgatarmos uma razão cordial que complemente a outra, não haverá como sentir, amar e cuidar da Terra como Mãe e *Pacha Mama*.

4. A Terra como Mãe e Gaia

Desde a mais alta ancestralidade, a Terra era considerada como a Grande Mãe, a *Pacha Mama* dos andinos, a *Tonantzín* dos centroamericanos. E essa é a visão de todos os povos originários ainda existentes.

Recentemente foi confirmado, empiricamente, que a Terra é Viva: um superorganismo que une o físico, o químico e o ecológico, de tal forma que está sempre apta a produzir e reproduzir vida.

Já foi chamada *Gaia*, nome que os gregos davam à Terra viva e produtora de vida. Esta visão era, inicialmente, apenas uma hipótese. Mas a partir de 2002 foi comprovada como uma verdade científica.

Por esta razão, e por insistência do Presidente da Bolívia, o indígena Evo Morales Ayma, foi apresentado na ONU um projeto segundo o qual o dia 22 de abril, Dia da Terra, passaria a ser o *Dia da Mãe Terra*. Em 22 de abril de 2010, depois de muita resistência e discussões, a Assembleia aprovou o projeto, por unanimidade, em sessão solene.

Este reconhecimento, repleto de consequências benéficas, implica mudanças na relação com a Terra. Se a Terra for simplesmente «terra», qualquer um poderá comprá-la, vendê-la e explorá-la. Mas não se pode vender, comprar ou explorar uma mãe... Pode-se amá-la, venerá-la, zelar por ela.

Esta atitude terá que prevalecer, se quisermos impor limites à voracidade industrial. Vamos produzir para atender às necessidades humanas, mas respeitando os

ciclos e os limites da Mãe Terra.

5. O ser humano é a Terra que sente, cuida e ama

Recebemos um legado dos astronautas, que tiveram o privilégio de contemplar a Terra lá do alto, da lua ou de suas naves espaciais. Eles atestaram que, de lá, não há diferença entre Terra e Humanidade. Ambas formam uma única e esplêndida realidade, inseparável e indivisível. Isso vem confirmar a visão dos povos originários, que sabem que são a própria Terra que caminha, aquela porção de Terra que sente, pensa, ama, cuida e venera.

Nós somos Terra. Por isso, homem vem de *humus*, terra fértil. E *Adão*, em hebraico, significa filho e filha da Terra fecunda, chamada *adamah*. Se realmente nos sentirmos Terra, tudo o que acontecer à Terra, de bem ou de mal, acontecerá a nós também.

E mais: somos responsáveis pela saúde da Terra. Nossa missão é ética: temos de cuidar e, como jardineiros, proteger toda a riqueza e biodiversidade do paraíso terreno, do Éden. Se não nos aceitarmos como Terra, teremos poucos motivos para cuidar dela, que é nossa única Casa Comum; não temos outra.

6. O bem-viver como novo paradigma civilizacional

As culturas andinas desenvolveram, ao longo de centenas de gerações, um conceito que traduz o tipo de relação que mantêm com a Terra: o *bem-viver* (*sumak kawsay*), que não pode ser confundido com o conceito ocidental de *viver melhor*, como sinônimo de qualidade de vida. No sistema que impera atualmente, «qualidade de vida» implica um acesso maior aos meios de consumo. E para que alguns possam viver melhor, muitos têm que viver pior.

Ao contrário: o *bem-viver* pressupõe um conceito de harmonia do ser humano com a Natureza, com suas energias, e um cuidado amoroso com relação à *Pacha Mama*.

Implica relações de igualdade entre todos, na sociedade e na construção de uma democracia comunitária, talvez uma das contribuições mais significativas à ideia de democracia ocidental, que é apenas representativa e delegatória. O *bem-viver* não pretende acumular e sim propor um conceito de economia que seja suficiente e digno para todos.

Tudo isso parece utopia. Mas é uma utopia necessária, mais adequada ao ritmo da Natureza e que, possivelmente, triunfará no futuro, quando a Humanidade descobrir-se como espécie, com o mesmo destino que a Mãe Terra. Como dizia Chateaubriand: nada é mais forte do que uma ideia, quando chega o momento de sua realização. E este momento está se aproximando.